

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 13

FORTALEZA, 18 DE JULHO DE 1887.

## SUMMARIO

Expediente;  
A alma reduzida a um problema de mathematica —R. FARIAS BRITO; Capoeira.—PAULINO NOGUEIRA.  
O vestido azul—ANTONIO SALLES;  
Historia natural—RODOLPHO THEOPHILO;  
Amor de bardo—J. GALENO;  
Curiosa fundação de Caldas—J. J. G. DIAS SOBREIRA.  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4 000
Anno . . . . .	8\$000

### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

### A alma reduzida a um problema de mathematica

Em umas ligeiras notas que publicamos em outra parte tivemos de estabelecer o seguinte: «Dous factos se tornaram notaveis no periodo intellectual que marca a epocha de transição dos velhos para os novos methodos psychologicos: a phrenologia de Gall e a psychologia mathematica de Herbart.»

Então tivemos de fazer algumas considerações sobre a phrenologia de Gall; vamos agora tratar da psychologia mathematica de Herbart.

E' desnecessario observar que não pretendemos fazer um exame, mesmo imperfeito, sobre a materia vê-se logo que apenas queremos apresentar ligeiras idéas, como quem apenas de muito longe tem uma noção sobre o assumpto.

Restá-nos, porem, a convicção de que nunca é inutil trabalhar, ainda mesmo que o resultado do nosso

trabalho seja de todo deficiente; pois ao menos dá-se a entender o muito que é preciso estudar para que se tenha alguma noção do grande movimento intellectual que vae lá por fóra, e pode ser que se faça assim nas classes estudosas um gosto verdadeiro e fecundo pela sciencia e pela litteratura.

Isso posto, entremos directamente no assumpto.

A mesma obra do que occupou-se Gall por um lado, foi tambem por outro lado empreendida por Herbart no dominio da psychologia.

Ambos queriam uma reforma geral do estudo dos phenómenos psychicos: um porem abraçou a questão pelo lado da phisiologia, o outro pelo lado da metaphisica.

Herbart nasceu em 1776, em Oldenbourg e morreu em 1841. Discipulo de Fichte, foi posteriormente professor de philosophia em Kenisberg e Goettinge. Foi um espirito incansavel e deixou trabalhos admiraveis, fazendo-se sobretudo notavel nas mathematicas.

D'esta vez, porem, apenas consideramos o seu modo de comprehender os phenomenos psychologicos que elle tentou explicar por intermedio das mathematicas.

—A psychologia compõe o espirito com representações do mesmo modo que a phisiologia compõe o corpo com fibras.—Estas palavras de Herbart mostram, conforme affirma Ribot, que elle tendia a uma revolução analoga a de Bichat em anatomia. Este à discripção pura e simples dos órgãos substituiu um estudo muito mais philosophico: o dos tecidos ou melhor, dos elementos anatomicos. E se Herbart tivesse levado a effeito esta empreza, acrescenta Ribot, teria criado a anatomia geral da alma.

Tratemos de examinar a sua doutrina conforme é exposta na obra de Ribot sobre a psychologia allemã contemporanea.

Tres idéas servem de base à psychologia de Herbart: 1.º a idéa do ser; 2.º a tendencia do ser para a conservação; 3.º as representações.

O ponto de partida é a idéa ontologica da unidade do ser. «O ser é absolutamente simples, sem pluralidade nem quantidade. O ser é uma posição absoluta: o seu conceito exclue toda a negação e toda a relação.» E tratando-se especialmente

da alma, diz Herbart: «A alma é uma substancia simples, não somente sem partes, porém sem pluralidade qualquer em sua qualidade.» Mas si assim é, como se explica a pluralidade de manifestações pelas quaes revela-se o ser? Pela tendencia do ser à conservação da qual resultam as representações ou estados de consciencia.

Cada ser, embora simples e uno, se põe em combinação com os outros seres e em consequencia d'essa combinação se estabelecem relações precisas e determinadas entre elles: d'ahi os antagonismos e a luta.

Ora, no meio d'estes antagonismos e desta luta indefinida dos seres, cada um esforça-se pela sua conservação contra a acção destruidora dos outros. E' a este esforço do ser que Herbart dá o nome de representação. Ou antes: o esforço do ser para conservar-se contra a opposição dos outros seres torna-se uma representação. Tal é a idéa que explica tudo.

Vê-se, pois, que estamos em pleno dominio da abstracção. A psychologia reduz-se à uma verdadeira divagação sobre o campo da metaphisica, inteiramente sem base e sem resultado; e ver-se-á mais adiante como esta divagação se resolve em uma mechanic do espirito, pela applicação das mathematicas.

Todavia, desde logo é preciso declarar que muitos pontos ha em que Herbart demonstra que não se deixou arrastar inteiramente por esse exagerado gosto de abstracção que manifesta-se nas suas idéas pelo abuso da metaphisica e das mathematicas.

Algumas vezes mostra através das suas investigações transcendentales que ainda não está inteiramente perdido o sentimento verdadeiro da realidade.

E' assim que diz: «A materia da psychologia é a percepção interna, o commercio com os outros homens de todos os graus de cultura; as observações do educador e do homem de estado; as narrações dos viajantes, dos historiadores, dos poetas e dos moralistas; as experiencias fornecidas pelos loucos, pelos enfermos e pelos animaes.»

Alem disso é inimigo intransigente da velha doutrina das facultades da alma.

«Desde que à concepção natural do que se passa em nós, diz elle, acrescenta-se a hypothese de faculdades que temos, a psychologia se muda em mythologia.

Embora não costume, como é a regra, partir dos factos individuaes para elevar-se à comprehensão das generalidades, todavia, para o seu tempo, pode-se dizer que já tinha uma intuição muito clara do methodo scientifico, tanto assim que chegou a dizer que pretendia applicar à psychologia alguma coisa semelhante às buscas das sciencias da natureza.»

«A physica experimental ignora as forças da natureza e entretanto tem dous meios de descoberta: a experimentação e o calculo. A psychologia não pode experimentar sobre o homem e não tem instrumentos para isso; tanto mais ella tem necessidade do emprego do calculo.»

Eis a explicação da necessidade e da influencia das mathematicas.

A materia da psychologia consiste nas representações. Trata-se, porém, não de uma simples accumulção de factos, não de uma simples divagação especulativa; mas ao contrario de uma redução a leis. Si, porém, as representações são devidas aos esforços do ser em bem de sua conservação na luta contra os outros seres, em que ha nisto alguma coisa que possa ser considerada como uma propriedade mathematica? A isto responde-se que tudo o que é percebido subjectivamente tem uma propriedade geral: é mostrar-se «como indo e vindo, oscillando e fluctuando; em uma palavra, como uma coisa que so torna mais forte ou mais fraca.»

Cada uma de nossas series de representações é, pois, uma serie de forças, e cada termo empregado para exprimir-as encerra um conceito de grandeza. Logo, conforme se exprime Ribot, ou não ha nada na consciencia, ou ha alguma coisa que apresenta um caracter mathematico e que deve analysar-se mathematicamente.

Herbart explica o facto de ja não se haver ha mais tempo empregado essa analyse pela imperfeição relativa das mathematicas. A parte das mathematicas de que se tem necessidade para o estudo das representações é a analyse infinitesimal; enquanto, pois, não foi inventado o calculo do infinito, as mathematicas eram inefficazes para o estudo da psychologia. E' a razão porque só depois d'elle pode ser constituida a psychologia mathematica.

Agora podem ser estudadas as representações em todas as suas manifestações e em todos os seus aspectos. Cada uma tem dous valores: um, qualitativo que é invariavel; o outro, quantitativo, sujeito a variações de intensidade.

Isto, porém, pouco adianta para nós, sendo que o desenvolvimento que se poderia dar a esses detalhes não affectaria ao fundo da coisa. O que, porém, nos importa, é que todas as nossas representações, sob qualquer ponto de vista que as consideremos, são forças que lutam entre si. Estas forças podem estar ou no estado de equilibrio ou no estado de movimento: d'ahi uma estatica e uma mechanica do espirito conforme a doutrina de Herbart. Restanos, pois, examinar como explicou Herbart o sentimento e a consciencia.

Segundo Herbart, tudo no espirito é representação, mas é preciso abrir uma excepção para os sentimentos. Os sentimentos não são representações, porém, simplesmente, relações entre as representações. Era uma doutrina corrente que os sentimentos estheticos causados pelos sons dependem dos intervallos, isto é, das relações entre as nossas percepções. Ha nisto um echo das theorias aristotelicas e conforme diz Ribot, Herbart generalizou e estendeu a doutrina a todos os sentimentos. D'ahi passa Herbart ao exame das emoções, dos desejos e da paixão, combinando muitos dos principios de Kant com as idéas fundamentaes da sua concepção mecha nica das operações do espirito.

Depois explicou o seu modo de pensar sobre a idéa do—eu—; e este ponto é substancial para nós. O—eu—é a somma das representações. D'ahi essa consequencia: é um effeito e não uma causa, é uma resultante e não um facto primitivo. Por outra: do mesmo modo que as moleculas são os elementos constitutivos do corpo, podemos considerar as representações como elementos constitutivos do espirito.

Veamos agora o que se deve pensar de semelhante doutrina. E' comecemos reproduzindo o juizo de um dos ultimos e mais importantes representantes da escola, Volkmar.

Diz elle: «A psychologia mathematica consiste em submeter a uma exposição systematica todas as determinações quantitativas que se encontram necessariamente na ordem psychologica. As idéas de acção e de reacção, de intensidade dos diversos estados de consciencia, de movimento das representações, encontram-se com um ou com outro nome, em todos os systemas de psychologia e mesmo na linguagem commum.

E' certo que esses factos têm ao menos em parte um caracter quantitativo. A exposição mathematica não se distingue, pois, da exposição commum senão nisto: ella procura apresentar com exactidão e precisão o que o uso commum deixa indeterminado. E' injusto confundir os ensaios da escola de Herbart com esta supposta philosophia mathematica

que só consiste em um jogo vazio de formulas, em deducções e em calculos arbitrarios.»

E' um juizo de sectario, já se vê. Todavia, esta ultima parte põe a descoberto justamente o lado mais vulneravel da theoria.

Lange, admira que um espirito tão engenhoso quanto Herbart, que um homem dotado de uma tão admiravel sagacidade critica, e tão versado nas mathematicas, haja concebido a idéa de achar por meio da especulação o principio de uma estatica e de uma mechanica do espirito. Demais o que fez Herbart? Em que consistem, segundo o juizo dos que conhecem bem a materia? a sua estatica e a sua mechanica do espirito, senão num jogo constante de formulas mathematicas, na elaboração de um systema especulativo sem que fosse fornecida pela experiencia a menor garantia de certeza?

Alem d'isso a alma é absolutamente simples, diz elle; entretanto, é capaz de representação. Tal foi o meio de que se serviu Herbart a fim de passar da simplicidade absoluta do ser para a pluralidade de suas manifestações.

Vê-se, pois, a contradicção profunda do principio que serve de base a toda a doutrina.

Só se pôde comprehender modificação com mudança de partes, isto é, nos seres compostos. Logo, suppondo-se que a alma é absolutamente simples, não se pôde admittir que seja capaz de fazer esforços de conservação pessoal, isto é, que esteja sujeita a modificações internas.

Recorre-se, porém, a um meio extremo: procura-se dar uma explicação do facto alterando a significação das palavras. Não são actos de conservação pessoal os phenomenos que se passam na alma: são tendencias, são simples disposições. Ora, mas a disposição a um estado não será também um estado? A tendencia que se põe em conflicto contra tendencias oppostas, não dá necessariamente em resultado um esforço?

Note-se que nisto vae-se uma somma consideravel de actividade: inventa-se, discute-se, altera-se a significação das palavras, em uma palavra, gasta-se grande parte do tempo no arranjo e na combinação de argumentos que servem para justificação de theorias inteiramente sem fundamento na realidade e o resultado é todo negativo.

Por fim, até mesmo o espirito primitivo da doutrina é falseado e chega-se a concepções intellectuaes que só servem para mostrar até onde podem levar-nos no terreno da extravagancia o deslumbramento e os arrojados phantasticos da embriaguez metaphisica.

E' o que aqui se faz. Todavia, por mais que procurem inverter a comprehensão verdadeira das cousas, é impossivel conceber o esforço de um ser pela sua propria conservação

contra a acção de outros seres, sem uma acção real por mais imperceptível que seja e isto não pôde ter lugar sem verdadeiras modificações. E', pois, inutil fugir ao reconhecimento da realidade, e desde que se admitta com Herbart que a representação é o esforço do ser para conservar-se, não se pode deixar de enxergar a contradicção profunda que ha no principio mesmo que serve de base a toda a theoria da psychologia mathematica.

Segundo o testemunho de Lange, existe uma serie de homens distinctos por sua intelligencia e por seu merito que acreditam mui seriamente que Herbart com as suas equações differenciaes fixou tão solidamente o mundo das idéas quanto Copernico e Kepler o mundo dos corpos celestes.

Foi em verdade, diz Lange, uma decepção tão profunda quanto a phrenologia.

Todo o esforço de Herbart consistiu em procurar applicar o calculo á psychologia, do mesmo modo que applica-se á physica. Kant, havia considerado impossivel um methodo mathematico em psychologia desde que «a intuição interna em que são construidos os phenomenos de que ella se occupa só têm uma dimensão—o tempo.»

Herbart, não somente affirmou a possibilidade da applicação das mathematicas á psychologia, porem, se propoz á realisacão do projecto de uma mechanica dos phenomenos subjectivos. Infelizmente, porem, deu nascimento, não a uma mechanica concreta, mas a uma mechanica abstracta, isto é, a uma chimera resultante de uma combinação das mathematicas com a metaphisica.

A psychologia do futuro deve ser com effeito uma mechanica, porem, uma mechanica concreta, isto é, uma mechanica nervosa, ou melhor uma mechanica que tenha por base os principios da physiologia e seja constituida em conformidade com as leis geraes proclamadas pelas sciencias da natureza.

Conforme Ribot, Herbart apoia a sua psychologia sobre uma triplice base, concedendo muito pouco á experiencia, mais á metaphisica, quase tudo as mathematicas. E' em poucas palavras a critica da psychologia mathematica.

Si Herbart podesse ver as experimentações feitas pelos psychologos modernos, veria a distancia enorme que o separa da psychologia nova e ficaria sem duvida arrependido de ter perdido tanta actividade em creações puramente phantasticas e de todo sem fundamento na realidade sob pretexto de uma estranha applicação das mathematicas.

Todavia, tem a sua importancia a theoria de Herbart, e conforme o parecer de Lange, não é pela simples indiferença que se deve fazer sua critica.

Vejamos o lugar occupado por Herbart na evoluçã da sciencia psychologica.

Para Herbart, a consciencia, o—eu—é a soimma das representações: tal é a idéa que o separa da psychologia velha. Segundo os principios da velha doutrina espiritualista, segundo as idéas dos defensores das velhas concepções theologicas e methaphisicas, o eu—é uma substancia immaterial, immutavel, indivisivel, dotada de faculdades, presidindo a todos os actos da vida psychica. A philosophia moderna, porem, não conhece unidade nos actos mentaes e vê em tudo o conjuncto de muitos phenomenos sujeitos a successões de tempo. Não ha faculdades nas operações do espirito, porem forças; e o mesmo facto que objectivamente se mostra como movimento, manifesta-se subjectivamente como sensação e como consciencia. E' a doutrina proclamada pelos pensadores contemporaneos da França e da Allemanha: é a doutrina proclamada pela moderna eschola experimentalista da Inglaterra.

Affirma, porem, ao mesmo tempo, Herbart, que a psychologia não pode experimentar sobre o homem e não tem instrumentos para isso: é o que o separa da psychologia nova.

A psychologia deve basear-se para o futuro inteiramente sobre a experimentação. E' o que já foi inaugurado pelos creadores da psychophysica, e Fechner, Helmholtz, Volkman, Wundt, Delbeuf etc. já conseguiram mostrar que é possivel pesar e medir as sensações de peso, de temperatura, de luz etc. tão real e verdadeiramente quanto se mede e se pesa qualquer corpo, senão com a mesma facilidade (está claro) pelo menos com toda a certeza de obter resultados precisos. E' verdade que os nossos estados de consciencia são grandezas indeterminadas. Comtudo não é impossivel submettel-os a uma medida desde que a unica condição para que se possa medir qualquer quantidade ou grandeza é uma relação fixa entre o que mede e o que é medido: tal é a relação que ha entre um effeito e sua causa e eis o que serve de base para a medida dos phenomenos psychicos.

Vê-se, pois, que Herbart representou um papel definido na evoluçã da psychologia, e a psychologia mathematica deve sem contestação ser considerada como a doutrina que verdadeiramente constitue o periodo de transicção.

Herbart e Gall foram pois dous pensadores notaveis e senão conseguiram elevar-se á comprehensão da verdade, pelo menos reagindo contra a tendencia immobilisadora das velhas doutrinas, abriram o caminho para a exploração do terreno em que havia de ser levantado o edificio da psychologia nova.

E, tratando-se especialmente de Herbart, é preciso acrescetar que

elle teve mais um outro merecimento: e é que foi de sua eschola que sahio a psychologia ethnographica; e havia talvez ali já um presentimento de psychophysica, essa doutrina decisiva e excepcional que tem na epocha que atravessamos revolucionado a culta Allemanha, devida ao genio vigoroso de Fechner.

R. DE FARIAS BRITTO.

## CAPOEIRA

Eis um curioso exemplo de confusões etymologicas que se podem produzir em linguas inteiramente differentes, escrevendo-se com as mesmas syllabas e até com as mesmas letras; e talvez seja esta palavra a que mais e diversas significações tenha na lingua de que disse Venus a Jupiter:

... na qual quando imagina  
Com pouca corrupção cre que é a  
(latina.

(Camões, *Lusiadas*, C. 1.º E. 33)

A primeira dessas significações, a mais commum entre nós, é tambem a mais conhecida dos nossos agricultores.

E' tanta a força vegetativa nos districtos quentos intertropicaes, diz Varrhagen, que ao derrubar-se ou queimar-se qualquer matto virgem, se o deixaes em abandono, dentro em poucos annos ali vereis já uma nova matta intransitavel e não produzida, como era de crer, pelas tentáculos das antigas raizes; mas sim resultantes de especies novas, cujos germens ou sementes se não encontram nas extremas da anterior derruba, se ignora donde vieram. A este novo matto se chama no paiz capoeira, derivando esta significação de ser essa vegetação analogã a des capões(1), *Hist. Ger. do Bras. Tom. 1.º*,

(1. Ne te sentido a palavra é indigna; vem, segundo Martius, *Gloss*, Pag. 39, Nota, de caá matto. e pyr mais:—matto renascente. Mas me parece preferivel a etymologia de José Verissimo: kaá matto. e da forma do preterito poera, coera, oera, era:—matto que já não é o mesmo que foi. (*Scenas da Vida Amazonica*, Pag. 40). Tambem pode ser a transformação de capueira, de có roça, e puera preterito. Esta transformação, diz Beaurepaire Rohan é devida pura e simplesmente à semelhança dos dous vocabulos, semelhança que facilitou a mudança do--o em--a; como tobatinga em tabatinga, tobajara em tabajara, coryboca em caryboca; e na propria lingua portugueza—devação em devoção. (*Rev. Bras.*, Tom. 3.º, Pag. 391). Vulgarmente, entre nós, capoeira é o roçado que não dá mais colheita e por isto já foi abandonado ao matto.

Pag. 93; ou como disse poeticamente Dircéu à sua bella Marília :

Não verás derrubar os virgens ma-  
(tos)

Queimar as capoeiras inda novas ;  
Servir de adubo à terra à fertil cinza;  
Lançar os grãos nas cóvas.

Parte 3.<sup>a</sup>, Lyra 3.<sup>a</sup>, Pag. 17.

Capoeira ou capoeiro é tambem uma especie de veado, assim chamado, porque pasta muito nas capoeiras ou catingas, onde se lhe faz tocáia. (Dr. Dias, Dic. Tupy)

Mas quem diria ! é ainda o nome vulgar de uma especie de *Odontophorus*, da familia das *Perdices* à qual a generalidade das provincias chamam *Urú*. (Beaurepaire Rohan, Glossario Brasileiro, na *Gazeta Litteraria da Corte*, Tom. 1.<sup>o</sup>, Pag. 415, e Emile Allain, *Quelques Dons sur la Capitale et sur la Administration du Brésil*, Pag. 142). Segundo outros canta graciosamente—

..... a capoeira,  
Que a flauta pastoril na selva entoa.

(P. Alegre, *Colombo*, Tom. 2.<sup>o</sup>, C. 29, Pag. 255.

Em uma quarta accepção muito commum na Corte, de certo a mais celebre, o mesmo termo designa uma classe perigosissima de bandidos, entidade, na qual, diz o Dr. Carlos Perdigão, pela physiologia não se pode observar nenhum vicio de conformação ou qualquer signal extraordinario e medonho, de modo a impressionar a vista como monstro e poder ser evitado; mas produção de natureza moral hedionda, cuja sanha e sede de sangue, com variedades indescriveis, dá a morte ao homem, sem o movel do odio, da vingança ou da rapina! E' esta a chaga cada dia mais ameaçadora para a segurança publica. (*Vadios e Mendigos*, na *Gazeta Juridica*, Vol. 35, Pag. 11.)

Foram os africanos os introductores da capoeiragem, mas depois passou aos naturaes, à toda sorte de desordeiros, gente da ralé do povo. No exercicio desse jogo athletico terrivel, ora por mero divertimento usam unicamente dos braços, das pernas, e da cabeça para subjugar o adversario, ora por perversidade esgrimem cacetes, navalha e faca de ponta, donde resultam serios ferimentos e às vezes a morte de um ou de ambos os luctadores. (*Gloss. Bras. cit.*, Pag. 372.)

Esses bandidos andam de ordinario em *maltas*, e cada *malta* obedece a um *cabeça*, que costuma tomar um appellido tão horrendo como o moral delles: *Bocca-negra*, *Pendeu-morreu* etc., e são inseparaveis da frente de uma musica em marcha.

Nos *Contos Populares* de Sylvio Romero, pag. 351, encontram-se as palavras cabalisticas com que elles entram na lucta, ou dão começo ao jogo ou divertimento :—

Não venha!....  
Chapéo de lenha ;  
Partiu,  
Cahiu !  
Morreu,  
Fedeu!...

Nesse momento, precedidos e na constancia de um alarido infernal, são de uma ligeireza só igual à sua fria perversidade:

Quereis ver como dextros capoeiras,  
De faca e pau na esgrima experimen-  
(tados,  
assaltam com silvos, vivos, brados...

(Barão de Campo Grandé, *Soneto*.)

Compreende-se o vivo interesse da autoridade publica em acabar com esses demonios de forma humana; por isso já na Collecção de Avisos do Ministerio da Justiça de 1824 se encontram os de n.<sup>o</sup> 122 de 28 de Maio, n.<sup>o</sup> 193 de 13 de Setembro e n.<sup>o</sup> 215 de 9 de Outubro, mandando applicar castigos aos negros da Costa, denominados *capoeiras*.

Mas ninguem ainda os perseguio tanto como Euzebio de Queiroz nos seus onze annos de chefatura de policia da Corte.

Já pareciam extinctos, uns presos, processados e condemnados, outros de praça assentada com destino a Goyaz e Matto Grosso, outros foragidos, e todos perseguidos, quasi como os *pelles-vermelhas* dos Estados-Unidos; mas os maldictos são como o gigante de Ariosto, que já feito em pedaços, recompõe-se, como por encanto, prompto para novas luctas!

Bastou que Euzebio fosse nomeado desembargador da Relação da Corte para que voltassem ao seu desgraçado jogo e officio, não obstante a perseguição tenaz que ainda soffrem.

Mas, como está escripto que tudo tem prestimo, manda a justiça que confessemos que os *capoeiras* já prestaram na Corte um relevante serviço, a quem? A' propria segurança publica nos fatuos dias 10 de Junho e seguintes de 1828!

Nesses dias os batalhões allemaes e irlandezes, engajados pelo governo imperial, tendo-se amotinado, prozeram em sério perigo a capital do imperio. Para contel-os e castigar-os muito concorreram então os *capoeiras* que pelo gosto criminoso das brigas fizeram proezas contra esses soldados insubordinados. (Vide Macedo; *Ephemerides Historica do Brazil* desse dia 10 de Junho de 1828,

a Pereira da Silva, *Narrativa Historica*, Pag. 289.)

E' já occasião de perguntarmos: qual a origem ou etymologia desse termo applicado aos africanos ou negros da Costa, e depois a todos esses turbulentos e desordeiros?

Emile Allain, no lugar citado, declara que a ignora; mas Beaurepaire Rohan ensaia esta:

« Como o exercicio da *capoeira*, entre dous individuos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a *briga de gallos*, não duvido que este vocabulo tenha a sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em portuguez o nome de *capoeira* à qualquer especie de cesto em que se mettem gallinhas. (*Gloss cit*, Pag. 372.)

Com o devido respeito não concordo.

Antes de tudo, tenho para mim que *capoeira*, cesto fechado de metter capões, gallinbas e outras aves, não vem de *capão*, mas do castelhan *Caponera*---gaiola grande para crear e guardar gallinhas, corrompido ou transformado em *capoeira* por semelhança. (Vide Constancio, *Nov. Dic. Crit. e Etmol. da Ling. Portug. e Faria, Nov. Dic. da Ling. Port.*)

Depois, por mais tractos que dê à imaginação não me posso convencer de que da semelhança da *briga de gallos* venha *capoeira*---brigador de cabeçadas, e muito menos de *capão*---gallo ou frango castrado; pois, si de gallo, o nome devêra ser outro,---*galleiro*, por exemplo; si de *capão*, neste caso a semelhança é como a do ovo com o espeto: *capão* não briga.

Quer-me parecer, não affirmo, que a origem talvez seja esta:

Bluteau no seu raro *Diccionario* falla de uma especie de cesto grande, com o nome de *capreira*, que se enche de terra bem batida e se põe em pé para cobrir os que se defendem etc.

Não virá a origem antes deste instrumento bellico de defeza?

O *capoeira*, por mais perverso ainda, chega até a agredir e matar, mas fingindo sempre tomara defensiva;

Não venha!...

etc. etc. etc. etc.

Felizmente ou não, uma cousa posso asseverar com muita ou toda segurança---é que na nossa Fortaleza e em toda Provincia do Ceará só ha *capoeira* com a significação que tambem lhe dá Moraes no seu *Diccionario*:---ladrão de gallinhas.

Aquelles demonios só vivem e medram, desgraçadamente, na Corte e um pouco tambem no Recife.

PAULINO NOGUEIRA.

## O vestido azul

Como um deslumbrador e intenso forno  
Fulge o espaço lá fora;  
E a luz forte e sonora,  
Indiscreta, do sol espiona em torno  
Do aposento deserto:  
Um reverbero experto  
Da cortina atravez dos brancos crivos  
Deita plhares hypocritas, festivos  
Sobre o leito vasio;  
Um par pequeno, esguio,  
De pantufos — dois colibris ondeantes —  
Repousa ao pé das meias odorantes  
E das ligas ditosas;  
Vêem-se petalas de rosas  
Esparsas pelo chão; e na moribundas  
Rosas nos jarras; sombras pudibundas  
Ruflam as pardas azas  
Nos cantos.

## Brandas gazas

De um vaporoso e cerulo vestido  
Arfam de manso; o azul, desvanecido  
No dorso de uma prega,  
Nas cavas se carrega,  
E essa mescla de claro azul com lyrio

Tem umas doces cambiações de empyrio  
E aroma de violetas...  
Laços de fitas pretas,  
Pedacinhos de noite em pleno dia  
Se entrelaçam na mangá que se amplia  
Quando aos braços roliços  
Aperta. M'ovediços

Flocos de revolta expunam na textura  
Do corpete; avolumam-se arqueados  
Escrinios que trouxeram em si guardados  
Os seios d'essa airosa creatura.

Da fila de botões iris-lavrados  
Relampeia a retina argenteo-scura:  
E' de julgar que estão todos pasmados  
Da pas-nosa estreiteza da cintura.

Uma ruga gentil como um sorriso  
Surge aqui, surge ali de um espaço liso,  
Como um mar que se aplaina e se encapella.

—Si alguém vil-o infunar-se ao brando vento  
Vai beijal-o porque 'nesse momento  
Pensa ver dentro d'elle o corpo d'ella.

ANTONIO SALLES.

## Historia natural

## AS BORBOLETAS

Tinhamos projectado um passeio à seara. Era pelo inverno e por isso aproveitariamos uma manhã secca. A chuva entretanto parecia embirrar todos os dias com o nosso passeio. Chegou porem uma tarde esplendida sem chuva e sem sol. O céu coberto de escamas brancas, em alto relevo, parecia cavado.

Tinhamos que andar dois kilometros até ao roçado. Pozemos-nos a caminho. O pequeno Raul, nos, acompanhou entretendo-nos com suas graças infantis. O caminho era arenoso e sem lama. A's margens cresciam as *manacás*, de cujas corollas diversamente coloridas volatilizavam-se perfumes suaves.

Sobre a linha superior da mata as frondes das carnahubeiras de folhas palmadas e abertas como ventarolas, formavam «uma floresta sobre a floresta.» Pouzadas nos longos peciolo das palmeiras as grannas em agudos trenados saudavam as loucanias da campina e cantavam seus amores em liberdade.

Chegamos ao roçado. Havia-se semeado no mesmo terreno legumes, cereaes, mandioca e algodão. As *grammineas*, *aleguminosa*, a *malvacea* tinham sido devoradas pelas largatas restava apenas a *euporbeacea*! A terra estava quasi nua! Agarrada à pequena porção de haste que escapara a sua gula, as larvas das borboletas, em digestão laboriosa, se conservavam immoveis.

O pequeno Raul dava caça as borboletas, que fugiam d'elle. Era interessante ver aquella cabecinha loura douda por apanhar um d'aquelles

dourados insectos! Feliz a idade das borboletas!...

—Tudo destruido! Apenas a mandioca a praga respeitou! Para que a natureza havia de crear taes insectos?!

—Para divertimento das creanças, minha amiga, para tecerem os teus vestidos de seda e ainda para a natureza em suas azas levar as plantas uni-sexuadas o germen da reprodução. A vida das borboletas é interessante. A *Entomologia* conta destes insectos couzas que ignoras completamente. As suas metamorphoses, os seus amores, os seus ciumes, os seus duellos passariam despercebidas si a sciencia, com a perseverança do sabio não procurasse conviver com elles. Como é lindo o que a creança acaba de apanhar! Aposto que vam offercel-o à ti. Aceita e vamos estudal-o.

—Obrigado, meu amiguinho, dois beijos agora em signal de reconhecimento.

—Examina o corpo é verás que é formado de anneis, que se articulam, e d'ahi o nome de «articulados ou annelados» aos insectos como aos *myriapodes*, *arachnideos* e *crustaceos*. Como o das *donzellinhas* é devidido em trez secções: cabeça, thorax e abdomen; tem como ellas duas *antenas*, tres pares de patas e dois pares de azas. As borboletas formam a ordem dos *lepidopteros*. Não podem se confundir com os *nevropteros* pelas azas as vezes de um colorido que fascina. não são de gaze, mas coberta de sedozas escamas, as vezes com todos os tons do iris. A boca tem como unico aparelho de ingerir os alimentos. um tubo finissimo, tenue enrolado em espiral, chamado *tromba* com que sugam o mel das flores.

O insecto perfeito é opulento de ornatos e sobrio. A larva é abjecta e gulosa. O fio delicado com que hebern os doces licores das rosas, nasceu do atrophiamiento do appareho buccal da larva.

—E a barboleta não passa pelas mesmas metamorphoses da *donzellinha*?

—Não, nos *lepidopteros* as metamorphoses são completas, isso é, ha o periodo de larva, de nympha e de insecto. Estas lagartas nojentas, que estás vendo por toda parte. estão já entorpecidas; a sua actividade e gula succedein a quietação e abstinencia. Em breve passarão do periodo de «larva» ao de «nympha ou cystalida,» então perfeitamente immoveis, involvidas em seu manto de numpha, em perfeito jejum estarão o tempo necessario a operar-se a metamorphose.

—E é sempre o mesmo o manto de nympha?

—Não, varia conforme a especie. E se fosse sempre uma membrana quem fiaria os fios de seda com que são tecidos os teus vestidos?

—E não é a industria que fabrica a seda?!

—Não, o homem recebe da natureza a materia prima, fios tenros com que são feitos os casulos dentro das quaes a larva do bixo de seda, *Bombyx more*, passa o periodo da nympha. A industria tece os fios dos casulos, da-lhes a côr que a moda exige e leva-os ao commercio.

E onde a larva encontra a seda com que faz o casulo?

—Ella segrega a seda do mesmo modo que nossas glandulas segregam a saliva. Na boca e no labio inferior abre-se um orificio que vai ter as glandulas secretoras da seda.

Chegado o tempo da construcção do casulo a larva deixa o liquido que tinha nas glandulas sair pelo orificio, e vai com este fio tenue, que se solidifica em presença do ar, tendo o ninho que tem de abrigal-a durante o periodo da cupalida. O fio é continuo, resistente e mede as vezes mil e quinhentos metros de extensão.

—E não ha larvas sem casulos?

—A familia das borboletas conta muitas mil especies e por isso os seus costumes variam muito. A larva do «Bombyx more», como viste, na vida desprezível e ignorada que leva, nos fornece os tecidos de maior preço que temos, e isso ainda não é tudo, milhares de operarios com suas familias vivem do pão accumulado por estes viventes abjectos. Si o bicho de seda enriquece o industrial, outras larvas menos favorecidas pela natureza, trabalham mais, constroem com mais sacrificio o seu casulo, que é de subido valor artistico, mas sem merecimento para a industria. No numero d'estes estão aquelles casulos grandes, de tecido forte e prateado, intermediadas de pedacinhos de madeira que vemos pendidos dos galhos das ateiras. Como conscientes da avareza do homem e do seu desprezo aos primores d'arte, que não lhe satisfazem a cubiça, outras larvas saem de uma folha o seu manto de nympa, envolvem-se n'ella até o termo de sua segunda metamorphose. Ainda outras, para occultar a sua abjecção ou antes para não ser perturbada a tranquillidade de seu somno procuram o solo n'ello constroem com as leis de uma architectura solida um abrigo onde em silencio e segurança esperam pelo dia em que resuscitarão d'aquella morte aparente.

—Só um Deus poderia dar a criação uma tão perfeita harmonia!

A natureza tem mysterios incompreensíveis. Quando chegamos aqui voltavam outras borboletas que não são estas que voam agora. A sua forma e colorido das azas eram diferentes. Eis uma vaidade da criação. Os «lepidopteros» que têm de voltejar nos campos ao sol, as «borboletas diurnas», têm as azas coloridas dos mais brilhantes tons; ornou-as assim para mais opulencia de sua ostentação. Começam a chegar as borboletas sem maior numero vêm assistir o epilogo do dia, o drama do pôr do sol e a natureza quiz que suas vestes fossem modestas, provassem seu recolhimento. Eil-as por isso vestidas de pardo, de cinzento. Não deslumbram as cores de suas azas e seu vôo é muito mais vagaroso, sua locomoção mais grave do que o das travessas diurnas à beijar mil flores em um vôo de minuto! Si ficassemos aqui, quando cahisse a noite seriam as «crepusculares» substituidas pelas «borboletas nocturnas.» Verias sempre a harmonia da natu-

rezos. Grandes «lepidopteros», de vôo pesado, azas grandes, vestidos de preto, se apresentam, não para saudar o sol em pleno espaço, não para dizer-lhe à tarde o adeus da despedida, mas para saudar a noite, cuja luz não é bastante para fatigar-lhes os orgãos da visão. São as phalenas dos pontas, as agoureiras dos supersticiosos, que procuram a escuridão não para presagiar desgraças, mas fugindo da luz que lhes tortura a vista.

—E quando se completa a metamorphose?

—Observa-se o que viste nas donzellinhas. O insecto deixa o casulo, a crysalida, respira e vôa. E' então a atmospheria o meio em que vai viver. Amam-se e perseguem as rivaes, têm ciúmes que terminam por verdadeiros duellos. Na época da postura, pois as borboletas são ovíparas, não deixam os fructos de seus amores a tôa em qualquer sitio, depositam-nos cuidadosamente sobre as folhas das plantas proprias à alimentação das larvas depois que sahem dos ovos.

As crepusculares se retiram, não tardam as phalenas e temos que andar centenas de metros. Voltamos à casa.

Alto da Bonança — Junho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

### Amor do bardo (\*)

Nos largos campos da vida  
Vicejam flores a mil,  
Brilham da noite as estrellas  
N'aquelle manto de anil;  
Mas, n'esse prado florente,  
Cuidado, linda innocente,  
Ai, muita flor rescendente  
Veneno occulta subtil!

Mas, entre as flores viceja  
O lyrio de mago odor,  
E brilha no céu a estrella  
Do verdadeiro fulgor!...  
O lyrio só tem perfume,  
Que mil delicias resume...  
Purezas do céu o lume  
Reune às chammas de amor.

Nos prados, pois, d'esta vida  
Procura o lyrio do val,  
Fictando sempre enlevada  
Do céu o lindo phanal;  
E o lyrio guarda no seio,  
Nas sombras de um doce enleio...  
E contempla sem receio  
O astro celesteal!

E queres achar, oh, virgem,  
Logo a estrella, logo a flor?  
No sacrario de sua alma,  
Ambastem o trovador!  
Do bardo o genio resplende...

(\*) Reproduzida por ter sahido mutilada na ultima edição.

Seu affecto olôr rescende...  
Ficta o astro que se accende;  
Colhe o lyrio... é o meu amor!

Oh, sim... escuta! — Prozequi gemendo—  
Recebe a flor!

Quanta fragancia, que ternura immensa,  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Maternos mimos, paternaes desvelos,  
[Anjo o candor...  
Perenne arroyo de celeste effluvio...  
Assim do bardo o fervoroso amor!

Astro que nunca... que jamais se apaga  
No riso ou dor...

Quantos enlevos... que luar sereno...  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Fonte de afagos, de infantil carinho  
Consolador...  
Briça que embala eternamente um berço...  
Assim do bardo o fervoroso amor!

O sol da gloria... illuminando os louros...  
Quanto fulgor...

Quantas grinaldas de viçosas palmas  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Oh, vem! Recebe na tua frente as crôas  
De tanta flor!  
Luz, harmonia, dedicação aceita  
Nos santos laços de meu puro amor!

Ella escutara a divagar n'um sonho,  
Talvez em nuvens das regiões ethereas,  
As minhas trovas... Muita vez seus olhos  
Eu vi ardentes... como que bravios,  
Qual da gazella dos desertos lagos,  
Volverem rapidos... Logo após suaves,  
Qual branda vaga, si o terr! não geme  
Na fulva areia de abrigadas praias,  
Si eu, como o vime da procella ao supra,  
Ou qual infante si o trovão ribomba,  
Estremecia... supplicando tregos!

Imos arcanos! — Coração de virgem,  
Flor da candura, ao despontar d'aurora,  
De que ens medo? Que terror! Que susto!  
— Mãe desvelada que raivosa investe  
Contra o phantasma que seu filho ameaça,  
E encontra flócos d'alvacenta nevoa,  
E volve ao pouso desarmando as iras...  
Assim a virgem — da paixão aos cantos,  
Ergue-se e vôa, enraivecida busca  
Defeza à sua angelical pureza...  
Mas, eis, que esbarra na muralha immensa  
Das aureas letras d'uma lei eterna!  
E, pois, já volve de mais brando affecto...  
Do amor ao laço a solução se entrega!

J. GALENO.

### Curiosa fundação de Caldas

Corria em meio o anno de 1860, quando o Rvd. José Antonio de Maria Ibiapina, pregador de boa eloquencia, se occupava, no centro, em missionar o povo e fundar casas de caridade.

Chegava elle á Barbalha acompanhado de numeroso concurso, e alli se installando proseguiu no seu apostolado.

Havia uma pobre velha paralytica desde muito, e de todos mui conhecido; entendeu ella que o missionario ou padre santo, como o chamava o povo, podia cural-a.

Persuadida e dominada por este pensamento, foi ter com elle e rogo-lhe que a valesse; pois sabia que um remedio de sua mão seria infallivel:

—«Mulher, disse o padre, eu sou medico das almas; eu só curo almas.»

Mas a velha redobrou suas instancias.

Confuso, o padre, ou aturdido com semelhante insistencia, e, querendo ver-se livre, disse em voz suave, que pareceu á velha a expressão da verdade:

—«Mulher, toma banhos calidos.»

Tanto bastou; a velha entendeu que o padre lhe dissera: «Mulher toma banhos no Caldas.»

Assim tendo entendido, persuadiu a algum parente seu que o padre lhe assegurava que ficaria boa tomando banhos no Caldas, e fez com que a conduzissem áquelle fonte.

Alli chegando, com grandes difficuldades, porque não havia bons caminhos, começou a tomar seus banhos. Tres dias depois estava restabelecida. Então, com pasmo de todos, volta á Barbalha.

Se'n perda de tempo, foi ter com o pregador a dar-lhe os seus agradecimentos, dizendo:

—«Meu padre, eis-me aqui; eu sou aquella pobre velha doente; estou sã e curada! Eu sou aquella a quem vós ensinastes o remedio dos banhos do Caldas com os quaes me curei... dou-vos mil graças por tamanho beneficio, que tomô e acceito como esmola.»

O padre, que não a reconheceu, tomou-a como uma douda e não se impressionou com o caso; mas o povo, que a conhecia de longa data, ficou espantado de ver tão grande prodigio.

A noticia deste facto correu immediatamente os quatro angulos da villa e não tardou a estender-se a todo o Cariry, á toda a provincia e talvez a todo o imperio.

Para logo poz-se o povo em movimento, ansioso por ver com seus proprios olhos o lugar de tamanho maravilha.

Começaram então os doentes de qualquer enfermidade a correr para alli; uns por molestia, outros por curiosidade, outros emfim arrastados pela influencia dos amigos; e, como a velha se tinha demorado tres dias, todos a imitavam e o proprio Rvd. Ibiapina alli foi mais d'uma vez.

Quinze dias depois d'este facto, lá estava quasi todo o povo d'aquelles

arredores, inclusive os ouvintes das missões.

O Caldas está situado a tres e meia leguas da hoje cidade da Barbalha, para o Oeste, ao pé da serra do Araripe.

Em caminho, para o lado d'essa fonte, encontram-se diversas choupanas e engenhos de fazer rapaduras e aguardente; e por ahi ha abastados proprietarios, até a um quarto de legua mais ou menos antes do sopé do Araripe.

N'esta distancia começa a se estender uma sombria floresta na direcção da fonte. E' encantador esse bosque, juncado d'uma quantidade enorme de palmeiras de todas as edades, que dão fructos oleosos aos pobres; são ainda ellas as mais altas arvores d'esse bosque, entrelaçadas de cipós que as ligam a innumera quantidade de arbustos, formando assim espécies de latadas naturaes.

Da ultima casa em que mora o dono d'aquellas situações, até á fonte, não havia caminho, a excepção d'uma estreitissima vereda não cultivada; assim mesmo a velha não duvidou em romper tudo isto.

Antes deste acontecimento, esse lugar não passava d'uma espessa floresta, como fica dito; mais depois da divulgação d'aquella noticia, tudo mudou de face.

Appareceu a perigração e as pessoas que lá iam, imitavam sua descobridora, passando obrigatoriamente tres dias; mas não havendo pousada, porque era no meio da mata, os peregrinos faziam-nas para si, arranjando estalagens com as palhas das palmeiras, abandonando-as no fim de tres dias, servindo assim a outrosromeiros.

E como fosse sempre crescente o numero dos visitantes, crescente era tambem o numero das palhoças, que se edificavam.

Logo do começo elevaram uma pequenissima casa d'oração ao pé da fonte, onde osromeiros adoravam o Salvador do mundo, antes de tomar os banhos.

Os prodigios se multiplicavam diariamente; as noticias se espalhavam; os habitantes dos diversos pontos se dirigiam em multidão para ver as maravilhas que o Creador estava patenteando alli.

Eu mesmo sou testemunha occular de muitos singulares prodigios: vi aleijados deixarem alli suas moléttas e voltarem a seus lares sãos e escorreitos. Até um cego me disse: «lá estou enchergando um bocadinho.» Mas não sei se progrediu a sua melhora.

Pouco depois edificaram uma capellinha sob a invocação de «Boi-Jesus dos Pescadores», sobre uma pequena collina que se eleva da fonte para o occidente, começando d'alli o arruamento até a fonte na distancia de um hectometro mais ou menos.

Com o tudo era começo, fizeram a

coberta da igreja com palhas de palmeiras, sendo de barro as paredes; uma verdadeira choupana

Ao pé d'ella via-se o aposento de uma familia, coberto tambem de palhas e tão conjuncto era á capella que as palhas d'urna se entrelaçavam com as da outra. Contaram-me que uma noite o fogo devorou em poucos instantes o tal aposento e tão grande era que as labaredas cobriam toda a capella, mas não a queimavam, deixando apenas tostadas as pontas das palhas, semilhando á mysteriosa sarça da Escriptura! Ainda vi as forquilhas carbonizadas da casa, ao lado da capella, para testemunho deste facto singularissimo.

O fogo teria conhecido que isto era uma igreja e aquillo uma casa?

Logo depois do descobrimento dessa fonte medicinal, ou fonte miraculosa, como outros a chamam, encontrou-se uma pedra, em um dos lados da qual um tanto aplainado, distinguia-se a figura d'um coração, gravado em traços de cor azul, amarella e róxa. Essa pedra foi levada para Barbalha, onde eu a vi em casa do Sr. capitão Pedro Lobo.

A fonte era chamada de Caldas em razão de estarem suas aguas sempre tépidas; são tão claras que encher-se no fundo do poço o menor objecto que alli possa estar ou cair, parecendo haver muito metal de envolta com agua, porque a vista está sempre a tremer desde que se applique sobre a fonte.

Os banhos são tomados dentro do poço, que tem a profundidade de 50 centimetros mais ou menos, sobre um fundo de arêa grossa.

Uma pessoa alva alli estando mergulhada, vê-se-lhe o corpo azulado.

Bebendo-se d'essa agua não se sente máo gosto; porem não satisfaz o appetite da sede; é como si fôra uma bebida artificial.

Ella servia então somente para agoar ou irrigar plantações.

Com essa descoberta miraculosa e por causa da enorme agglomeração de povo, nada faltava, havia um animadissimo commercio; as casas se multiplicaram espantosamente e em breve a floresta, a mata insondavel estava transformada em uma alegre povoação, e um anno depois já havia alli uma cadeira de instrucção primaria funcionando regularmente e bem frequentada.

Eis ahi como se fundou a povoação do—Caldas, n'esta provincia do Ceará

Junho—15—1887.

J. G. DIAS SOBREIRA.



## ANNUNCIOS

## Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO  
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartee ras. Receitas a qualquer hora. JP - ços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36  
CEARA'Motta Viçosa & C.<sup>a</sup>88--Major Facundo--88  
FORTALEZA

Importadores e exportadores.



## A QUINZENA

Escritorio da Re-  
dacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Todos os negocios relativos à ad-  
ministração trata-se comO gerente,  
JOSE' OLYMPIO.

## CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas  
da manhã às 10 da noite.Aham-se à disposição dos Srs.  
socios jornaes e revistas nacionaes  
e estrangeiros.LOTERIAS CEARENSES  
GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transfe-  
rencia. Bilhetes à venda nas ca-  
sas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

## LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na  
provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insi-  
gnificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmero,  
conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de  
Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADESVende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo  
assim a Popularidade e sympathia do muito illustra-  
do publico cearense,--especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento,  
cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus  
proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais  
o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e es-  
colhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.Notre-Dame de Paris  
LOJA DE MODAS E NOVIDADES  
RUA DA BOA-VISTA N. 41Este estabelecimento se acha mon-  
tado com elegancia e luxo, recebe  
directamente de Paris, Hamburgo,  
Manchester e outras praças da Eu-  
ropa, todos os artigos de que se  
compõe o seu sortimento, podendo  
assim offerecer vantagens nos pre-  
ços a todos os seus freguezes.Especialidade em calçados de lu-  
xo, chapéos e tecidos, novidades.Enxovaes para casamentos e ba-  
ptizados.NABOR A. CHAGAS & C.<sup>a</sup>  
Ceará.

## OSTA SOUZA

Especialidades em fazendas mo-  
dernas, chapéos, calçados, luvas e  
perfumarias finas.Fortaleza  
86 A Rua do Major Facundo

## ALFATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas ro-  
manas e um grande sortimento de  
obra francezas e roupas por me-  
dida.J. WEILL & C.<sup>a</sup>A mais antiga casa de JOIAS desta  
provincia tem sempre es-  
colhido sortimento de tudo que  
diz respeito aJoalheria. Relogios  
de todos os generosCompram sempre ouro ve-  
lho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

## CONFUCIO

Unico estabelecimento especial  
em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc  
Objectos para viagens, brinquedos  
para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, ba-  
nheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 71.